

**Eduardo Mahon, *O Homem Binário e outras memórias da senhora Bertha Kowalski*, Cuiabá, MT, Carlini & Caniato Editorial, 2017 (238 pp.) [posfácio de Icleia Rodrigues de Lima e Gomes].**

As revolucionárias transformações que as tecnologias da informação e da comunicação, incluindo a poderosa internet, e sobretudo no domínio específico da programação da Inteligência Artificial (IA), introduziram no mundo contemporâneo, mudaram radicalmente o nosso modo de comunicar, de trabalhar e até das nossas relações interpessoais. Um dos capítulos mais vanguardistas e que mais questões axiais levanta, desde logo de natureza ética, é justamente o da IA. Este tema a IA tem preocupado intensamente as mais diversas e influentes instituições a nível internacional, bem como reputados neurocientistas (António Damásio, v.g.). Além de imensas incertezas, as inumeráveis promessas desse mundo novo podem também desencadear uma terrível caixa de Pandora.

Ora, é justamente esta temática complexa que o escritor Eduardo Mahon aborda de forma cativante e sugestiva na sua narrativa ficcional, *O Homem Binário*, perfeitamente consciente de algumas das mais relevantes interrogações que se levantam a estes novos e preocupantes rumos da ciência actual, especialmente no capítulo de vanguarda da programação tecno-neurológica. Contrariando um estereótipo que olha a criação literária como algo supérfluo e desligado da realidade, quem ainda tem dúvida de que a literatura pode constituir uma das formas mais fecundas e reflexivas de pensar o mundo e o homem contemporâneo? Todos nós já alguma vez meditamos sobre o inevitável confronto entre a humanidade e a tecnologia, sobretudo acerca das consequências imprevisíveis de algumas tendências da pesquisa actual.

Com este propósito de enorme actualidade, o escritor Eduardo Mahon cria um universo romanesco que potencia o pensamento sobre tão relevante temática. O título escolhido representa bem a essência da linguagem informática – “coleção de números monotonia que variam entre 0 e 1” –, ao mesmo tempo que já remete para a dualidade da existência alcançada através da IA, após a morte física. Não poderiam faltar ecos intertextuais de clássicos do pensamento ocidental, como Platão (*Apologia de Sócrates*), na epígrafe inicial. A questão nuclear que esta narrativa encena diante do leitor pode ser assim enunciada – após a morte física, e com o auxílio dos enormes avanços da IA, pode o ser humano almejar uma outra existência?

Consoante a sua enciclopédia cultural e literária, o leitor de *O Homem Binário* pode convocar outras criações diversas que, no mundo ocidental, se foram debruçando sobre os desafios das novas tecnologias, desde logo com duas narrativas clássicas – de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*; ou de George Orwell e o memorável romance *1984* – entre outras distopias literárias que a nossa memória conserva, notáveis pela sua capacidade profética. No cinema, entre imensos filmes equacionaram esta temática, o leitor também pode evocar *Transcendence: a nova inteligência* (de 2014, realizado por Wally Pfister), protagonizado por Johnny Depp. Após a morte de um cientista notável, a sua esposa integra o seu cérebro num super computador que ele concebera, sendo assim possível os dois comunicarem *post mortem*. Porém, em lugar de criar uma IA, o cientista criara mesmo uma inteligência alternativa, com um alcance tirânico e inimaginável.

Há, aliás, na narrativa de Eduardo Mahon referências simbólicas a vários clássicos da literatura e do cinema. O autor e os seus leitores não desconhecem esta tradição criativa e reflexiva; e em *O Homem Binário* estamos num tempo futuro da nova República Continental. E o inventor de um revolucionário sistema na poderosa Continuum Co., Josef Platek (cientista de génio ou genocida?) propunha-se inaugurar uma nova e radical concepção da história da humanidade. Como? Prolongando a vida humana para além da morte física, conquistando assim um dos mais velhos sonhos do ser humano – a imortalidade.

Pela primeira vez na história mundial, quando se atingir a possibilidade de o computador pensar sozinho, anuncia-se a possibilidade prometaica de vencer a morte, através de sofisticadíssimos processos de neuromigração definitiva para uma máquina, no pressuposto de que a eventual réplica da memória equivale a uma “vida” humana, uma pessoa integral, assim prolongada para sempre. Nesse novo patamar da evolução humana, a partir da neuro-engenharia e da nanotecnologia, ergue-se a utopia científica da resolução de todos os problemas da humanidade, da medicina à ciber-segurança, em que a IA se estenderia a todas as áreas da vida humana.

Seria assim possível para a ciência criar um cérebro artificial, autossuficiente e com consciência de si, com conhecimentos ilimitados e até capaz de expressão emocional. Por outras palavras, máquinas supremamente inteligentes vencerão a morte, poderão curar o ser humano em qualquer doença e salvar o próprio planeta. Nesta visão (exequível ou utópica?) é possível o ser humano conservar-se “vivo” para sempre, face aos avanços inimagináveis da ciência e da programação informática. Para os defensores deste sistema, era “possível traduzir o ser humano para o código binário”. Porém, não devemos ceder à tentação ingénua da paráfrase da narrativa, nem desvendar os rumos da história narrada, mas tão só apontar alguns aspectos estruturantes deste universo diegético, enunciando o cerne desta criação ficcional.

A inteligência desta escrita convida o leitor a ter uma postura filosófica, formulando perguntas essenciais. Neste contexto de ruptura, entre outras magnas questões, destacavam-se algumas, absolutamente cruciais, não para todos, apenas para alguns, mais ponderados ou mais cépticos perante esta prometaica revolução: as pessoas têm mesmo de morrer? Como lidar com a migração da memória individual e os seus processos de construção e de identidade? Seria

mesmo possível, através de um software, capturar o abismo volátil da memória, da consciência ou do espírito de uma pessoa, como se fosse um simples arquivo? Tudo poderia ser redutível a um algoritmo? Ao mesmo tempo, como evitar vírus e falhas de programação em todo esse processo? Poderiam fazer-se cópias iguais da mesma a “vida”? Em último caso, quem tem o poder de controlar e de desativar o sistema e o seu software?

Ao mesmo tempo, pode-se carregar para uma máquina a consciência humana, sendo essa IA capaz de distinguir entre o Bem e o Mal? Poderia essa nova “vida” ser sensível à subtileza das artes? Como seriam essas experiências autorizadas para cada ser humano? Onde se encontraria neste processo a personalidade e a própria alma humana, o “chip de Deus”, como aqui é designado? Poderia alguma vez olhar-se para esse poderosíssimo algoritmo como a chamada “partícula de Deus”? Afinal, como migrar uma pessoa para o meio virtual? Pode existir um diálogo inteligente e, mais ainda, uma relação afectiva entre um ser humano (senhora Kowalski e a jovem Madalena, respectivamente) e um “ser” totalmente online (J. Platek), através do seu holograma? Em suma, seria este o futuro da humanidade, em que a pessoa é uma mera coleção de dados, um arquivo capturável?

É justamente este o núcleo fascinante da história de *O Homem Binário*, sobre uma das temáticas mais complexas e actuais do nosso tempo. É preciso ler este livro para reflectir sobre a possibilidade de o ser humano poder (ou não) ser traduzível para um código binário digital. Perante a finitude da existência, sempre se manifestou o desejo humano de auto-preservação ou de aspiração a uma vida eterna. Porém, nessa senda erguem-se poderosos argumentos ético-morais: pode um software captar a essência da humanidade?

São bem mais as questões do que as certezas neste novo mundo que já começou. Em todo o caso, pode-se dizer que os algoritmos jamais poderão tomar decisões importantes por nós, porque decisões importantes normalmente envolvem dimensão ética, e algoritmos não entendem de ética. – assevera Yuval Noah Harari, no já clássico livro *21 Lições para o Século 21*. Também já no clássico filme *Matrix* (de Lilly e Lana Wachowski, 1999) se afirma a impossibilidade de a linguagem binária de zeros e uns (0/1) nos reproduzir a densidade e complexidade do humano. Parafraseando Jean Baudrillard, definitivamente, simulacros não são realidade.

Inquestionavelmente, com todas as suas congeniais imperfeições, a humanidade não pode ser comparável nem redutível à artificial perfeição utópica da mais avançada tecnologia. Por tudo o que se deixa sugerido, se aceitar o desafio, o leitor contemporâneo tem sobejas razões para ler com gosto e proveito intelectual esta bem articulada e desafiante narrativa de Eduardo Mahon.

José Cândido de Oliveira Martins  
(Universidade Católica Portuguesa)

